

UM OLHAR SOBRE OS ESTÍMULOS GERADORES DA TRISTEZA EM JOVENS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Flávia Laryssa Gonzaga Rabelo; Stephanny Angel de Souza Medeiros Dantas; Fátima Pereira Marinho; Taísa Caldas Dantas.

Universidade Federal da Paraíba

*laryssarabello@gmail.com; stephanny_dantas@hotmail.com; fatimamarinho88@gmail.com;
taisa.cd@gmail.com*

Resumo: As emoções sempre foram vistas com muita desconfiança e opostas da razão, a tristeza então é comumente considerada uma emoção negativa e que deve ser evitada a todo custo. Porém, esta emoção, assim como as demais, é muito importante para um desenvolvimento integral dos sujeitos se vivenciadas de forma adequada. Quando falamos das pessoas com deficiência, esse grupo por muito tempo teve seus direitos negados, e mesmo nos dias atuais em que são muitas as conquistas político-legais, a inclusão no meio social e educacional não ocorre de fato, suas vozes continuam sendo caladas e estes ainda vivem sob a tutela de terceiros, não conquistando sua autonomia e empoderamento. Sendo assim, este trabalho tem o objetivo de analisar quais os principais estímulos geradores da emoção da tristeza em jovens com deficiência intelectual. O campo de pesquisa foi uma Escola Estadual que está localizada em uma Fundação Paraibana. Foram entrevistados 27 jovens com deficiência intelectual que estudam em três turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da escola, sendo 19 jovens do sexo feminino e 8 do sexo masculino na faixa etária de 16 a 35 anos. Os resultados da pesquisa apontam que a deficiência ainda acarreta situações que deixam esses sujeitos em situações de vulnerabilidade que os impedem de se empoderarem, assim, um trabalho de Educação Emocional na escola pode gerar uma vivência mais saudável das emoções, proporcionando resultados como a saída do estado de vulnerabilidade a partir de suas colocações como sujeito de valor integral e de direitos.

Palavras-Chave: Deficiência Intelectual; Educação Emocional; Empoderamento; Tristeza.

Introdução

É comum na sociedade que a emoção da tristeza seja vista de maneira negativa, isso porque as próprias emoções sempre foram vistas com desconfiança, opostas da razão e que necessitam ser superadas pelo autocontrole. No entanto, elas são muito importantes, pois

constituem um processo adaptativo diante das exigências do ambiente, e são “a melhor resposta encontrada pela natureza para as situações de importância vital que se repetiram ao longo da evolução” (MARTINS, 2004).

A emoção da tristeza está relacionada com a perda de algo muito importante, para si ou para outro alguém muito próximo. Vivenciá-la de maneira adequada é importante, pois uma das funções que a tristeza possui é a renovação, abandonando as coisas do passado a pessoa se abre para o futuro (POSSEBON, 2017a). Ou seja, ao vivenciar a emoção da tristeza de uma maneira saudável e adequada, o sujeito supera aquela perda e avança para uma nova fase de sua vida. Por outro lado, caso a tristeza seja vivenciada de maneira inadequada, esta pode gerar problemas como doenças e depressão.

Muitos grupos vulneráveis, vítimas de exclusão e marginalidade, vivenciam frequentemente emoções como a tristeza. No caso do grupo social constituído pelas pessoas com deficiência, estas historicamente tem vivenciado a exclusão de diversas maneiras, como na escola, na sociedade, no mercado de trabalho, tendo suas subjetividades negadas em função da deficiência. Assim, muitos continuam reféns de decisões de terceiros sobre sua própria vida, sem autonomia e poder de expressão ou decisão.

Por muito tempo, a visão que se tinha das pessoas com deficiência era baseada em uma concepção mística e posteriormente médico-patológica, que trazia um estigma sobre essas pessoas, de que elas eram doentes e incapazes. O contexto histórico, cultural e econômico contribui na construção de conceitos de normalidade e os atrela a valores morais, de produtividade e eficácia, onde a diferença representa um afastamento dos modelos e padrões estabelecidos. Estes conceitos de normalidade provocam a depreciação ou valorização do ser humano (ROSSATO & LEONARDO, 2011), no caso da pessoa com deficiência, provocam sua depreciação.

Por mais que esse grupo tenha tido conquistas político-legais, e que tenham acessado cada vez mais os espaços sociais, como a escola, além de uma mudança de paradigmas no campo dos estudos sobre a deficiência, percebe-se que essas pessoas ainda são vítimas de situações de preconceito, exclusão e violência, simplesmente por serem diferentes. Essas situações geram emoções que afetam o desenvolvimento integral do sujeito e que são ignoradas pela escola.

Para Vallés (2015), o desenvolvimento de competências para tomar consciência das próprias emoções, sentimentos e estados de ânimo, gera comportamentos mais inteligentes e assertivos na prevenção e resolução adequada de conflitos, o que proporciona maior bem estar pessoal e social. Esse é um caminho fundamental para um desenvolvimento integral e

saudável dos sujeitos, principalmente das pessoas com deficiência, que ainda sofrem com as barreiras impostas pela sociedade e que impedem seu desenvolvimento e empoderamento.

Assim, uma vivência adequada das emoções, e no caso da tristeza, que tem função de renovo, de abrir espaço para o novo, é fundamental para a superação dos obstáculos paralisantes impostos às pessoas com deficiência, pois, ela pode proporcionar novas experiências, aprendizagens e superações no cotidiano destes sujeitos.

Dentro desse contexto, através do projeto de extensão “Educação Emocional: um caminho para o empoderamento de jovens com deficiência”, e no âmbito do Núcleo de Educação Emocional (Neemoc/CNPq) da Universidade Federal da Paraíba, realizamos uma pesquisa em uma Escola Estadual de uma Fundação Paraibana que atende pessoas com deficiência, com o objetivo de analisar quais os principais estímulos geradores das emoções básicas - tristeza, raiva, medo, alegria – no cotidiano de jovens com deficiência intelectual. Aqui, especificamente, apresentamos os dados relativos à análise da emoção da tristeza.

Metodologia

Este trabalho emerge no âmbito do Núcleo de Educação Emocional (Neemoc/CNPq) da Universidade Federal da Paraíba, através do Projeto de Extensão “Educação Emocional: um caminho para o empoderamento de jovens com deficiência”, o qual é uma continuação de dois outros projetos realizados na mesma instituição nos anos de 2016 e 2017 que tinham como foco os/as professores/as e profissionais da Educação Especial. No projeto atual o foco são os próprios estudantes com deficiência, com o intuito de oportunizar a eles vivências sobre as emoções, contribuindo assim para o autoconhecimento e empoderamento dos mesmos. Este trabalho, porém, aborda especificamente os resultados referentes à “Tristeza” e os principais fatores que levam jovens com deficiência intelectual a vivenciarem esta emoção.

O campo no qual o projeto está inserido é uma escola estadual que está localizada dentro de uma fundação paraibana que atende as pessoas com deficiência. Os sujeitos participantes do projeto são 27 jovens com deficiência intelectual que estudam em três turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da escola, sendo 19 jovens do sexo feminino e 8 do sexo masculino na faixa etária de 16 a 35 anos. As vivências das emoções aconteceram na própria instituição no mês de março de 2018 e a vivência sobre a emoção da Tristeza aconteceu no mês de maio do mesmo ano.

Para a coleta dos dados, foi utilizado o Diário das Emoções, um instrumento de pesquisa com perguntas abertas sobre quais as situações poderiam desencadear determinadas

emoções básicas (medo, raiva, alegria, dentre outras), solicitando que o respondente descrevesse a situação. Foram cumpridas todas as exigências científicas, incluindo a confidencialidade e o consentimento da escola e das famílias. O questionário foi construído e aplicado pela equipe do projeto, bem como, adaptado para atender as necessidades dos jovens com deficiência.

Como alguns alunos/as possuem dificuldades de leitura e escrita, o diário foi aplicado de maneira que eles pudessem responder oralmente às perguntas. Além disso, antes de ser aplicado, foram feitas vivências para que os alunos/as pudessem compreender a emoção que estava sendo trabalhada em cada intervenção. No caso da vivência relacionada à “Tristeza” foram utilizados recursos como fotografias, pintura, música e técnica de relaxamento. A dinâmica foi dividida em cinco momentos:

1. Contato inicial com a turma e apresentação da emoção “Tristeza” com a utilização de recursos, imagens de expressões faciais e música.
2. Apresentação de um livro com imagens fotográficas de situações que remetesse à emoção.
3. Técnica de relaxamento com o auxílio de música, após um diálogo com a turma e pergunta oral sobre a emoção contida no Diário, além de registro das respostas coletadas com auxílio de um gravador de voz.
4. Após a coleta foi proposta uma atividade (pintura).
5. Finalização da intervenção, com recolhimento de pinturas, além de agradecimentos a alunos e professora.

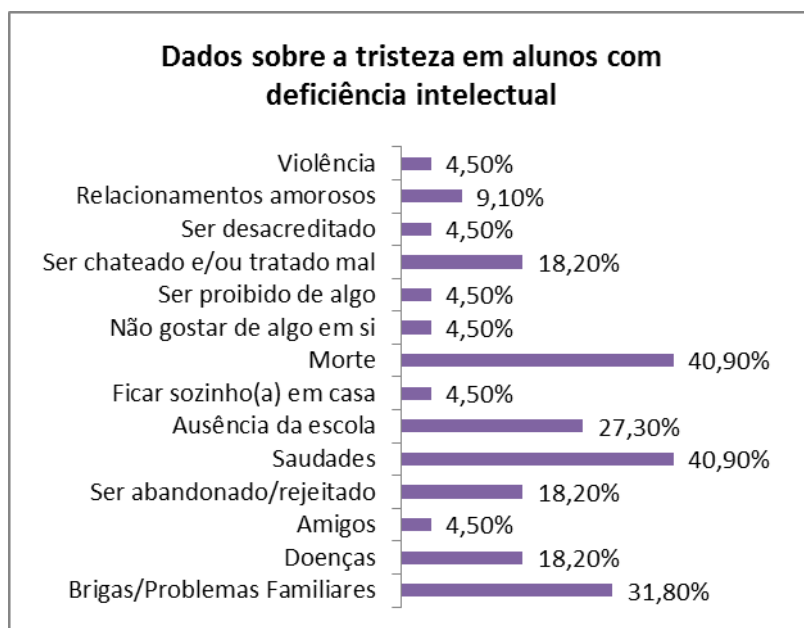
Após a coleta das informações por meio das vivências, passamos então para a fase de transcrição dos áudios e caracterização das respostas. Foram coletadas respostas de 27 alunos no total, mas com apenas 22 alunos conseguimos ter clareza nas respostas, pois alguns alunos possuem dificuldades em se comunicar oralmente ou com língua de sinais. Então, para manter a veracidade das respostas, decidimos por manter aquelas respostas onde pessoalmente e através da consulta à gravação posteriormente, obtivemos dados com clareza total. A seguir, apresentamos a análise dos dados relativos à vivência da tristeza por esses jovens.

A vivência da tristeza entre jovens com deficiência intelectual

A tristeza “está vinculada com uma perda de algo importante, ocasionando no indivíduo um complexo estado de ânimo que vai desde a redução da atividade cognitiva e motora até a elaboração de pensamentos ruminantes, destrutivos ou pessimistas” (POSSEBON, 2017, p. 62a). A tristeza não é uma emoção negativa como muitos afirmam, dizendo até mesmo que não podemos nos entristecer, mas ela é uma reação própria e esperada (GONSALVES, 2015). Sendo assim, podemos afirmar que ela, assim como as demais emoções tem uma função essencial para nossa sobrevivência.

O Estímulo Emocional Competente - EEC é um evento relevante ou um ativador emocional que pode ser interno ou externo ao sujeito. Esse estímulo gera uma resposta no organismo de acordo com a sua leitura da situação (POSSEBON, 2017b; MARTINS, 2004). Com relação a estes estímulos, ou ativadores das emoções, Martins (2004) afirma que eles são inatos ou aprendidos, “de início as emoções são provocadas por situações e objetivos concretos (...) mais tarde, ativadores simbólicos, psicológicos e sociais são adicionados aos concretos”.

Através da análise dos dados coletados na pesquisa, foi possível elencar como principais Estímulos Emocionais Competentes para gerar a emoção da tristeza entre jovens com deficiência intelectual os seguintes fatores: saudade; morte; brigas familiares; rejeição; chateações; e a ausência da escola, assim como mostra a tabela a seguir:



Como mostra a tabela acima, a saudade, representada pela lembrança do que ou de quem está ausente, e a morte de entes queridos, foram os estímulos da emoção da tristeza que

mais se destacaram entre os jovens com deficiência intelectual. Tal tristeza está relacionada à perda de algo ou alguém e também está relacionada ao apego, que é uma forma de vínculo afetivo (POSSEBON, 2017a), como se revela nas falas dos jovens: 1. “*eu sinto saudades do meu falecido avô*”, 2. “*Fico sozinha em casa, aí me lembro da minha mãe, que Deus a tenha, ela já se foi, aí fico triste*”, 3. “*o que me deixa triste é que eu perdi meu tio*”. Nesse sentido, para se sentir triste pela morte ou ausência de alguém, esse alguém deve ter um vínculo emocional com a pessoa que está triste.

Sabe-se que a pessoa com deficiência, mesmo nos dias de hoje onde o conhecimento acerca das suas subjetividades e de seus direitos é amplamente difundido, continua sendo alvo de preconceito e rejeição. Somado a isso, o abandono de crianças, principalmente as que possuem deficiência, por parte dos pais e familiares é comumente realizado no Brasil e esta pesquisa mostra o abandono como outro fator gerador da tristeza entre pessoas com deficiência: 1. “*minha mãe me abandonou, pois ela não tinha mais condições de me criar (...)*”, 2. “*Meu pai me abandonou quando eu tinha dois anos*”.

Além disso, se podem registrar recorrências sobre a tristeza, relacionadas à rejeição e chateações praticadas por familiares e conhecidos. Relatos como: 1. “*O motorista lá de onde eu moro não gosta de mim, nem da minha mãe*”; 2. “*Minha tia, ela diz coisa ruim comigo*”; 3. “*O que me deixa mais com vontade de chorar é as meninas lá da comunidade, que ficam mexendo comigo*”, são muito presentes na pesquisa. Esta realidade de discriminação revela barreiras atitudinais que as pessoas com deficiência ainda continuam a sofrer no seu dia a dia. De acordo com Lima & Silva (2008), barreiras atitudinais são aquelas que estão presentes na atitude, elas se manifestam de diferentes formas, como por exemplo, através da ignorância; do medo; da rejeição; inferioridade; piedade; percepção de incapacidade intelectual; estereótipos; compensações; negação; substantivação da deficiência; comparação; atitudes de segregação; baixa expectativa; assistencialismo; superproteção; dentre outros. Isto revela a situação de vulnerabilidade em que essas pessoas são colocadas (FERREIRA, 2004; 2009; 2010; SANTOS, 2008), e que deve ser superada.

Outro fator gerador da tristeza nos jovens com deficiência é a ausência da escola, de forma que foi comum encontrar no discurso dos participantes o fato de que não ir à escola os deixam muito tristes: 1. “*Quando não tem ônibus para vir pra escola fico eu muito triste*”; 2. “*Quando não venho pra escola eu choro*”. Isto mostra que a escola representa um ambiente acolhedor para estes jovens. Essa realidade difere do que foi analisado em outro projeto do Núcleo de Educação Emocional (Neemoc/CNPq), denominado “*Emoções na Escola*”, em que adolescentes sem deficiência revelam diversos fatores presentes na escola como estímulos

desencadeantes da tristeza, como a adaptação à escola, o *bullying*, a violência e o fracasso escolar. No caso dos jovens com deficiência, não encontramos motivos de tristeza dentro da escola e sim a ausência desta.

Isto ocorre, pois, a escola representa para os jovens com deficiência um dos poucos ambientes sociais que eles frequentam e podem constituir uma rede de amigos, além de que representa uma conquista recente nos direitos desse grupo social. Até a década de 60, se acreditava que as pessoas com deficiência deveriam ficar mantidas isoladas do resto da comunidade, fosse por proteção, para tratamento, ou processo educacional – no sentido de reabilitação ou normalização do sujeito -, o que tornava essas pessoas incapazes de enfrentar e aprender a administrar a vida em sociedade (JANNUZZI, 1985; GODOY 2002; ARANHA, 2001; DANTAS, 2011).

O direito das pessoas com deficiência de frequentar a escola regular foi conquistado com o advento do paradigma da inclusão (BRASIL, 1988; UNESCO, 1994; BRASIL, 1996), o qual colocou sob a escola a responsabilidade de satisfazer as necessidades de aprendizagem de qualquer indivíduo, independente das condições que os diferenciem. Nesse contexto, a escola constitui um espaço social de grande importância para o desenvolvimento, autonomia e socialização desse grupo social. A escola deve se tornar agente de combate da invisibilidade e vulnerabilidade dessas pessoas, a fim de assegurar seus direitos à dignidade humana, como afirma Ferreira (2009, p. 50):

“(…) os (as) educadores (as) devem se comprometer com a identificação, a busca de soluções e a remoção das situações que geram tal vulnerabilidade, ao mesmo tempo em que asseguram sua educação em condições igualitárias. Assim, a aquisição de conhecimentos sobre os direitos humanos, os direitos da criança e os direitos das pessoas com deficiência é crucial para que compreendam a extensão, o valor e a importância de seu papel como agentes de proteção e promoção dos direitos humanos no contexto educacional”.

Ao mesmo tempo em que a escola, ao lado de seus educadores, pode ser instrumento para amenizar situações de marginalidade, ela também pode colaborar com a percepção negativa que a pessoa com deficiência tem si mesma, sendo esse um dos grandes entraves que esse grupo enfrenta na conquista da autonomia. Nesta pesquisa, o ser desacreditado e a percepção negativa de si foram um dos geradores da tristeza apontados pelos jovens com deficiência, como evidenciado nas falas: 1. “*Quando não acreditam em mim, eu fico magoada*”; 2. “*Meu corpo é feio, eu não acho bonito, não gosto*”. Sobre isto, Mantoan (1998) esclarece que esta percepção pode ser influenciada pela escola e pela família, quando

as pessoas com deficiência percebem que os outros acreditam que o sucesso escolar e na vida, está fora de seu alcance, essa percepção negativa irá inibir a aquisição e utilização de meios para adaptar-se e superar essas barreiras. Esta realidade pode contribuir na elaboração de pensamentos ruminantes, destrutivos e pessimistas, os quais estão relacionados com a emoção da “Tristeza” (POSSEBON, 2017a).

Uma educação que se volte também para os aspectos do desenvolvimento emocional é fundamental para que haja a quebra dessas crenças que se consolidam socialmente e afetam o sujeito em seu desenvolvimento. As inúmeras situações que surgem no cotidiano das pessoas com deficiência fazem emergir emoções, inclusive a tristeza, e senti-las não é um ato intelectual, mas uma experiência emocional (CASSASSUS, 2009). Por isso, os aspectos cognitivos não devem ser os únicos a serem priorizados pelo currículo escolar. Nas palavras de Vallés (2015, p. 3), a escola deve dispor “de um currículo que defina o desenvolvimento dos conteúdos emocionais com seus elementos curriculares correspondentes: objetivos, atividades, metodologia e critérios de avaliação”.

A consciência emocional permite que o sujeito se conheça, se compreenda e aja conscientemente (CASASSUS, 2009). Uma escola que identifica as expressões e estímulos emocionais de seus alunos, os levando a ter consciência das emoções e refletir intelectualmente sobre elas, permite que esses alunos não ajam mais inconscientes dos efeitos que as emoções têm sobre si. Mas que ajam a partir de uma consciência integral de quem elas são e do que são capazes, transformando assim sua realidade, se empoderando e conquistando sua autonomia.

De acordo com Mantoan (1998), o aspecto afetivo do processo cognitivo emerge nas situações, logo, se o problema – que vamos considerar aqui - da não consciência desse lado afetivo continua presente, a autoimagem do sujeito permanece negativa, e estes tendem a aprofundar suas dificuldades. A maioria das dificuldades relacionadas com a autoimagem e a autoestima têm raízes na forma como se desenrola o processo de lidar com as emoções (MARTINS, 2004). Sendo assim, ao tomar consciência da emoção “Tristeza” o sujeito pode avaliar, compreender e aprender a como lidar com essa emoção, e esse processo de contribuir na significação dessas emoções também faz parte do papel da escola.

As pessoas com deficiência ainda são vítimas de situações que os colocam em condição de vulnerabilidade, como foi visto nos dados desta pesquisa, por isso, o campo da Educação Emocional se apresenta como um caminho que pode contribuir no enfrentamento dessas situações e de sua saída de um estado de vulnerabilidade para um estado de autonomia e empoderamento.

Conclusões

Esta pesquisa teve como objetivo analisar os estímulos emocionais que geram a emoção da tristeza em jovens com deficiência intelectual, que estudam em uma turma de EJA. Os resultados apontaram como principais ativadores desta emoção, fatores como: saudade; morte; brigas familiares; rejeição; chateações; e a ausência da escola.

É evidenciado através da análise dos fatores que geram essa emoção, que a deficiência ainda acarreta situações que deixa esses sujeitos em situações de vulnerabilidade e os impedem de prosseguir em suas vidas de maneira autônoma e com conceitos de autoestima e autoaceitação positivos. No caso da tristeza que tantas vezes é oriunda dessas situações, se as pessoas com deficiência aprenderem a vivenciá-la de maneira saudável, ela se tornará em um aporte para superação dessas barreiras, pois, esta emoção tem uma função de renovação de ciclos, e pode possibilitar à pessoa com deficiência a saída de uma condição de vulnerabilidade e de tutela, para assumir o controle de sua própria vida.

É importante, portanto, que a Educação Emocional seja trabalhada na escola, pois ela contribui para um desenvolvimento integral dos sujeitos, não evidenciando apenas os aspectos cognitivos como a escola faz. Uma maior consciência das emoções pode gerar uma vivência mais saudável das mesmas, proporcionando resultados como a saída do estado de vulnerabilidade a partir de suas colocações como sujeito de valor integral e de direitos.

São necessárias maiores investigações e intervenções relacionadas à Educação Emocional na escola, com a intenção de quebrar a rigidez da mesma, trazendo um olhar de sensibilidade em relação à diferença e todas as situações envoltas nesta. Portanto, é essencial que no espaço escolar haja um olhar mais acurado e sensível sobre as emoções dos educandos, principalmente daqueles que possuem alguma deficiência ou são vítimas de situações de preconceito e exclusões diversas. Destaca-se também a importância de um trabalho que envolva a família destes sujeitos, já que o seio familiar constitui o ambiente inicial em que se dão as vivências emocionais.

Referências Bibliográficas:

ARANHA, M.S.F. Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência. *Revista do Ministério Público do Trabalho*, 11(21), 2001, p.160-173.

BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Decreto** n. 9.394, de 20 de dez. de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, Brasília, DF, dez. 1996.

CASASSUS, J. **Fundamentos da educação emocional**. UNESCO, Liber Editora, Brasília, 2009.

DANTAS, T. **Jovens com deficiência como sujeitos de direito: O exercício da autoadvocacia como caminho para o empoderamento e a participação social**. 2011. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2011.

FERREIRA, W. B. **Invisibilidade, crenças e rótulos: reflexão sobre a profecia do fracasso educacional na vida de jovens com deficiência**. In: IV CONGRESSO BRASILEIRO SOBRE SÍNDROME DE DOWN: FAMÍLIA, AGENTE DE EXCLUSÃO, Salvador, 09 a 11 de setembro, 2004. **Anais...** Salvador: Federação da Síndrome de Down, 2004.

_____. Entendendo a discriminação contra estudantes com deficiência na escola. In: FÁVERO, O. et al (Orgs.). **Tornar a educação inclusiva**. Brasília: UNESCO: 2009. 220p.

_____. **Direitos da pessoa com deficiência e inclusão nas escolas**. 2010.

GODOY, H. P. **Inclusão de alunos portadores de deficiência no ensino regular paulista: recomendações internacionais e normas oficiais**. São Paulo: Mackenzie, 2002.

GONSALVES, Elisa. Pereira. **O livro das emoções: uma abordagem neurofisiológica, comportamental e educativa dos estados emocionais**. Curitiba, PR: CRV, 2015.

JANNUZZI, G. **A luta pela educação do deficiente mental no Brasil**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1985.

LIMA, F. J. SILVA, F. T. S. Barreiras atitudinais: obstáculos à pessoa com deficiência na escola. In: SOUZA, O. S. H. (Org.). **Itinerários da inclusão escolar: múltiplos olhares, saberes e práticas**. Canoas: Ed. ULBRA; Porto Alegre: AGE, 2008.

MANTOAN, M.T.E. **Educação escolar de deficientes mentais: problemas para a pesquisa e o desenvolvimento**. Cadernos Cedes, 46, pp.93-107, 1998.

MARTINS, J. M. **A lógica das emoções na ciência e na vida**. Editora Vozes, Petrópolis, 2004.

POSSEBON, E. G. **As emoções básicas: medo, tristeza e raiva**. Libellus. João Pessoa, 2017.

POSSEBON, E. G. **O universo das emoções: uma introdução**. Libellus. João Pessoa, 2017.

ROSSATO, S. P. M. LEONARDO, N. S. T. **A deficiência intelectual na concepção de educadores da educação especial:** contribuições da psicologia histórico cultural. Rev. bras. educ. espec. Marília, v.17, n.1, p.71-86, Jan.-Abr., 2011.

SANTOS, W. R. **Pessoas com deficiência:** nossa maior minoria. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 18 [3]: 501-519, 2008.

UNESCO. **Declaração de Salamanca.** Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. 1994.

VALLÉS, A. A. Los programas de educación emocional en la escuela In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO EMOCIONAL, 1., 2015, João Pessoa. **Anais.** 1 CD.